

REPERCUSSÕES NEGATIVAS DE GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: REVISÃO DE LITERATURA

SILVA, Alrenilda Aparecida da
Discente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde – FASU/ACEG –
GARÇA/SP – BRASIL
e-mail: alrenildapsicologia@hotmail.com

CAMARGO, Neuci Leme de
Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde – FASU/ACEG –
GARÇA/SP – BRASIL
e-mail: neuleme@flash.tv.br

RESUMO

De modo geral, a adolescência caracteriza-se pelas experimentações, profundas transformações, é uma metamorfose que envolve os aspectos biopsicossociais, resultando, por fim, na construção de uma identidade própria. Este estudo teve como objetivo analisar a gravidez precoce e as repercussões que a mesma pode causar, tais como baixa auto-estima, ausência de apoio familiar, vivência de alto nível de estresse, poucas expectativas frente ao futuro e a presença de sintomas depressivos, complicações no parto e as condições sócio-econômicas. Percebe-se que as adolescentes têm conhecimento dos métodos contraceptivos, mas os usam de forma inadequada.

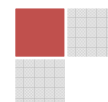
Palavras-chave: gravidez; adolescência; contraceptivos; conseqüências.

ABSTRACT

In general the adolescence is characterized by the experimentations, deep transformations, it is a metamorphosis that involves the aspects biopsicossociais, resulting finally in the construction of an own identity. This study had as objective analyzes the precocious pregnancy and the repercussions that the same can cause, such as low self-esteem, absence of family support, existence of high stress level, few expectations front to the future and the presence of depressive symptoms, complications in the childbirth and the socioeconomic conditions. It is noticed that the adolescents have knowledge of the contraceptive methods, but they use in an inadequate way.

Keywords: Pregnancy; adolescence; contraceptive; consequences.

1. INTRODUÇÃO



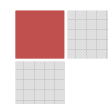
A gravidez na adolescência é um tema bastante atual pesquisa em Psicologia, como em outras áreas afins do conhecimento tanto, principalmente, por suas implicações biopsicossociais. A adolescência, em si, já é um processo de mudança tanto física, como psicológica. Ter um bebê é uma decisão bastante difícil e envolve muitas renúncias; por isso o apoio da família da menina, como do rapaz e de sua respectiva família, é de grande importância, tanto pelo lado financeiro como emocional (DUARTE, 1995).

O fenômeno da gravidez na adolescência não é novo. Novas são as formas de compreendê-lo, segundo o pensamento da sociedade ocidental moderna. A análise deste fenômeno, nas camadas populares, exige um entendimento que depende das determinações econômicas e socioculturais, bem como dos diferentes valores de cada segmento que compõe a nossa sociedade (MENEZES, 2004).

De acordo com Oliveira (1998), a taxa de fecundidade na adolescência, entre 15 e 19 anos, vem diminuindo, assim como a das mulheres adultas. No entanto, há uma tendência de aumento na proporção de partos entre adolescentes, em relação ao número total de partos. Uma adolescente que não usa nenhum método contraceptivo tem 90% de chance de engravidar em um ano.

Para Menezes (2004, p.197), “*a situação de gravidez geralmente não é pensada na perspectiva de direito ao prazer, mas na do controle e repressão da sexualidade*”. Mas, como os adolescentes, em geral, têm relações sexuais esporadicamente, isso pode dar uma falsa sensação de segurança. Segundo esta autora, pressupor que a adolescência é uma questão de saúde pública e, inevitavelmente, um fator de risco, faz com que se ignore a possibilidade de ajudar as adolescentes em seu direito de satisfação de seu desejo sexual.

Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho é verificar a relação entre gravidez precoce e as repercussões negativas na vida da adolescente, e os prejuízos que uma gestação pode acarretar à vida das adolescentes, principalmente, quando não desejada.

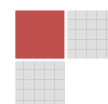


2. DESENVOLVIMENTO

Santos e Shor (2003) enfatizam que a gravidez, especialmente na adolescência, pode evidenciar necessidades inconscientes, podendo ser uma experiência simbólica de renascimento; ou o bebê pode ser considerado alguém que pode preencher uma carência afetiva ou para suprir uma relação de insatisfação com a mãe. Além dos motivos usualmente atribuídos à gravidez na adolescência, há outros mais a serem observados: desejo de engravidar, gravidez como estratégia de inserção no mundo adulto, a ideologia da maternidade e o desamparo emocional. Os autores ressaltam, também, que as adolescentes que engravidam estabelecem uma equivalência em que exercer a sexualidade implica ter um filho, o que simboliza sua entrada na vida adulta.

A responsabilidade precoce imposta pela gravidez, paralela a um processo de amadurecimento, ainda em curso, resulta em uma adolescente mal preparada para assumir as responsabilidades psicológicas, sociais e econômicas que a maternidade envolve. A instabilidade das relações conjugais, também, acaba por contribuir para a ocorrência de prejuízos emocionais e, até mesmo, de transtornos de ordem afetiva, muitas vezes, agravados por um ambiente familiar pouco acolhedor e muito mobilizado pela notícia da gestação. Sabroza et al. (2004), mencionam alguns estudos que mostram que o risco dos filhos serem vítimas de maus-tratos é maior, especialmente, nos casos em que a gravidez foi indesejada .

Como afirmam Aquino et al. (2003), nesse sentido, alguns aspectos psicológicos, tais como baixa auto-estima, ausência de apoio familiar, vivência de alto nível de estresse, poucas expectativas frente ao futuro e a presença de sintomas depressivos, exercem influência no modo que a relação entre a gestante adolescente e seu bebê irá se constituir. De acordo com Silva et al. (2005), a prevalência de sintomas depressivos durante a gestação pode variar entre 44 e 59%, sendo comuns em gestantes adolescentes.

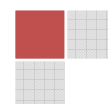


No que diz respeito à evolução da gestação, existe um aumento da incidência de prematuridade, baixo peso no nascimento, restrição de crescimento intra-uterino, sofrimento fetal agudo intraparto, diabete gestacional; Pantoja (2003), acrescenta pré-eclâmpsia – aparecimento de hipertensão arterial acompanhada de proteinúria em gestação acima de 20 semanas, podendo haver ou não edema (inchaço) nas pernas, rosto e mãos – e aumento da incidência de cesarianas. Por outro lado, alguns estudos mostram que não há prejuízo na evolução da gestação e na condição dos recém-nascidos, quando a gestação ocorre na adolescência, desde que a assistência pré-natal seja adequada. As condições sociais em que as gestantes estão inseridas, especialmente as adolescentes, podem interferir, decisivamente, na evolução da gravidez.

Godinho et al. (2000) ressaltam que uma consequência social da gravidez é a restrição das possibilidades de futuras melhorias nas condições sócio-econômicas das adolescentes. Frequentemente, as adolescentes grávidas se vêem obrigadas a abandonar a escola ou o emprego. Porém, este é um ponto controverso. Alguns autores (FREITAS, 2002; SILVA, 2005) explicam que a idade pode não ser a única causa desses problemas, mas sim as desigualdades sociais e a pobreza de que sofrem os grupos menos favorecidos.

O estilo de vida de muitos jovens, também, merece ser analisado, pois pode envolver fumo, abuso de álcool e droga, o que também contribui para aumentar as complicações de uma gestação nesta idade, principalmente, para o bebê. Além disso, os riscos diminuem se o pré-natal começar cedo o que nem sempre acontece. O início tardio neste acompanhamento deve-se ao fato de essa gravidez ter sido escondida ao máximo, devido à dificuldade de assumi-la frente à sua família e toda a sociedade (OLIVEIRA, 1998).

Além disso, a gravidez não-planejada na adolescência tende a estar associada à desorganização familiar, pobreza, desemprego, falta de esperança no futuro, e a um ciclo de interrupção da instrução escolar e da não realização



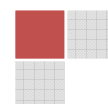
profissional, com marginalização social das mães. O projeto de vida e a escolaridade parecem ser cruciais para que essa distinção possa ser feita. Além disso, as dificuldades que surgem na gravidez na adolescência podem ser minimizadas se a adolescente puder contar com uma rede de apoio social adequada (MICHELAZZO et al., 2004).

Oliveira (1998) ressalta que um bom vínculo entre mãe e filho é de grande valia para promover a saúde mental, tanto da criança quanto da própria mãe. As expectativas são importantes porque podem dar indícios de como será a futura relação mãe-bebê. As expectativas em relação à gravidez têm sido tratadas, freqüentemente, com mulheres já adultas. Não se sabe se a idade da gestante pode ter alguma influência quanto às suas expectativas em relação à gestação e ao seu bebê.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o presente estudo, pode-se afirmar que a gravidez precoce envolve uma responsabilidade psicológica, social e afetiva; e a adolescente que não está preparada, ou seja, ela está na fase de amadurecimento, será afetada por conseqüências psicológicas, como depressão, baixa auto-estima, falta de expectativas frente ao futuro e a falta de apoio familiar; este é um fator que gera muito estresse na adolescente, causando prejuízos na gestação, como prematuridade, diabetes gestacional, pré-eclâmpsia, baixo peso no nascimento, sofrimento fetal agudo intraparto e um alto índice de cesarianas entre as parturientes. Também, deve-se levar em consideração os estilos de vida que essas jovens levam, pois o uso abusivo de fumo, drogas, álcool, colaboram para uma gravidez com complicações.

Deve-se enfatizar que, na questão social, muitas adolescentes perdem suas expectativas frente ao futuro: aquelas que estavam estudando ou trabalhando deixam os estudos ou acabam abandonando o trabalho, causando



dificuldades financeiras e uma marginalização social dessas mães adolescentes.

Enfim, pode-se afirmar que uma rede social para apoiar essa categoria de adolescentes, poderia minimizar tais problemas enfrentados na gestação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, E. M. L. et al. Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. **Cad. Saúde Pública**. São Paulo, v.19 n.2, 2003.

DUARTE, R. G. **Sexo, sexualidade:** e doenças sexualmente transmissíveis. 4. ed. São Paulo: Moderna, 1995.

FREITAS, G.; VAZ, Botega S.; NEURY, J. Gravidez na adolescência: prevalência de depressão, ansiedade e ideação suicida. **Rev. Assoc. Med. Bras**. São Paulo, v.48, n.3, jul./set. 2002.

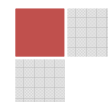
GODINHO, R. A. et al. Adolescentes e grávidas: onde buscam apoio? **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, São Paulo, v.8, n.2, abr. 2000.

MENEZES, I. H. C. F.; DOMINGUES, M. H. M. S. Principais mudanças corporais percebidas por gestantes adolescentes assistidas em serviços públicos de saúde de Goiânia. **Rev. Nutr.Goiânia**, v.17, n.2, Goiânia, 2004.

MICHELAZZO, D. et al. Indicadores sociais de grávidas adolescentes: estudo caso-controle. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet**. São Paulo, v.26, n.8, set. 2004.

OLIVEIRA, M. W. Gravidez na adolescência: Dimensões do problema. **Cad. CEDES**. São Paulo, v.19, n.45, jul. 1998.

PANTOJA, A. L. N. "Ser alguém na vida": uma análise sócio-antropológica da gravidez/maternidade na adolescência, em Belém do Pará, Brasil. **Cad. Saúde Pública**. São Paulo, v.19, n.2, 2003.



SABROZA, A. R. et al. Algumas repercussões emocionais negativas da gravidez precoce em adolescentes do município do Rio de Janeiro (1999-2001). **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v.20, n.1, 2004.

SANTOS, S. R.; SCHOR, N. Vivências da maternidade na adolescência precoce. **Rev. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v.37, n. 1, fev. 2003.

SILVA, C. A. A. et al. Aspectos da sexualidade e gravidez na adolescência precoce. **Rev. Bras. Reumatol.**. Rio de Janeiro, v.45, n.3, 2005.

